

Somente a vós, unicamente a vós e tão somente por vós, atravesssei longos caminhos, às vezes, encharcados de lágrimas, para encontrar-vos. Nunca vos esqueço, nunca vos esquecerei. Como deixar-vos sendo eu vós mesmo dentro de mim?

Se estiverdes tranqüilo, a paz estará igualmente em mim.

Vossa alegria é a minha alegria, e um pingo de vossa tristeza, quando essa tristeza aparece, tem o tamanho de uma nuvem no meu coração.

Amado Soberano, Deus vos abençoe e vos guarde, assim como vos rogo proteger e lembrar sempre quem vive de vós e por vós.

Sempre convosco para sempre.

Castro

PEDRO, CONSTANÇA E INÊS

Inês de Castro

Inês de Castro nasceu na Galiza, em Monforte de Lemos, região que foi objeto constante de disputa entre Portugal, então Condado Portucalense, e o reino de Leão, sendo finalmente a este incorporada.

Mais tarde, o reino de Leão — com a Galiza já anexada — seria assimilado por Castela.

Há incertezas sobre sua data de nascimento, provavelmente em 1325. Era filha bastarda do influente Pedro Fernandes de Castro, importante par na corte de Castela, e da dama portuguesa Aldonça Soares de Valadares.

Por serem descendentes de D. Sancho IV de Castela, contemporâneo de D. Dinis de Portugal, Inês e Pedro tinham laços de consangüinidade.

Inês chegou a Portugal em 1340, como dama de companhia de D. Constança Manoel, cujo casamento com D. Pedro fora acertado com

Afonso Onzeno, rei de Castela, seu ex-esposo, que a desprezara.

Destacavam-se em Inês seus dotes espirituais. De rara beleza, segundo os unânimes relatos, com os penetrantes e suaves olhos glaucos e os longos cabelos louros, herança aos visigodos, caindo-lhe pelo colo de alabastro, desde sua chegada a Portugal, acompanhando Constança Manoel, cativava a todos pela sua gentileza e simplicidade.

Buscou de todas as formas represar as ânsias do amor por D. Pedro, considerando mesmo a hipótese de ingressar no Convento de Santa Clara.

Respeitou o casamento de Pedro e somente cedeu às investidas afetivas do infante, quando da morte da infortunada esposa, em decorrência do parto de Fernando.

Estava Inês posta 'em sossego' no exílio da Galiza, não obstante as correspondências e notícias que o príncipe lhe enviava, quando D. Pedro mandou buscá-la, para viverem definitivamente juntos.

As cartas espirituais que se sucedem no desdobrar do livro; as manifestações de carinho e respeito que Isabel de Aragão lhe

dedicava; e o seu perdão irrestrito ao rei Afonso IV, inspirando Pedro a fazê-lo também, nos levam a compreender que Inês passou pelo acerbo sofrimento da manhã de 7 de janeiro de 1355, não por resgate reencarnatório, e sim pela sua vocação missionária.

Missão de renúncia e dor que iluminaria os novos caminhos a serem trilhados pela nação portuguesa e, de modo especial, pelos espíritos endividados de Pedro e seu pai, certamente a Inês ligados por fortes vínculos do passado.

O historiador F. Dinis, em seu estudo sobre Portugal, a ela se refere com singular respeito e afeto, assim descrevendo-a em linguagem adaptada aos nossos dias:

O que nela mais fascinava era o esplendor suave e sereno da própria gentileza. A formosura de Inês era uma destas formosuras suaves que involuntariamente inspiram amor.

A gentileza de Inês de Castro era como que o reflexo de sua alma cândida; os seus contemporâneos denominaram-na colo de garça, tão airosas eram as ondulações do seu pescoço gentil, sustentando a formosa cabeça moldurada profusamente de tranças loiras.

Mas o que tinha principalmente, o que nela mais cativava, era o indefinível encanto, o feitiço etéreo, como que intangível, que os franceses chamam graça, mais bela ainda que a beleza.

Constança Manoel

Com a união definida pelas cortes, e não pelos noivos, vemos assim Constança Manoel em Lisboa.

Afonso Onzeno acertou o matrimônio com Afonso IV, pelas razões que caminhavam usualmente naqueles tempos, ao largo da afeição.

O principal motivo para o soberano castelão era agradar, como veremos a seguir, o nobre João Manoel, pai da infeliz dama e figura ainda importante na corte. E por quê?

Era Afonso Onzeno filho herdeiro de Henrique IV de Castela e da rainha também chamada Constança, dama portuguesa, irmã de D. Afonso IV, rei de Portugal.

A morte prematura de Henrique IV precipitou a sucessão em Castela, com o príncipe herdeiro, Afonso Onzeno, ainda criança.

Foi designado regente João Manoel, um dos mais prestigiosos fidalgos de Castela.

A regência, porém, foi interrompida por Afonso Onzeno, que, ao completar 15 anos, assumiu o poder, expulsando João Manoel da casa real. O nobre, em represália, buscou depô-lo pela força das armas.

O rei adolescente, sem estrutura militar, com pouca retaguarda da nobreza, vendo-se prestes a perder a coroa, convocou o ex-regente, oferecendo-lhe um acordo do qual resultou o casamento do jovem monarca com sua filha, que se tornaria assim rainha de Castela.

Afonso Onzeno, todavia, não cumpriu o prometido, repudiando a jovem de apenas 12 anos, conservando-a prisioneira e usando-a como refém contra qualquer investida do pai. E não parou por aí.

Perdurando a situação incômoda que magoava o poderoso João Manoel, para agradá-lo e também para aproximar-se mais de Portugal, contratou com D. Afonso IV o casamento de sua ex-esposa Constança Manoel com D. Pedro, o príncipe herdeiro.

O pai acedeu, pois, de qualquer forma, a filha voltaria a ser rainha, agora de Portugal,

quando Pedro assumisse o trono. Quis, contudo, o destino que, mais uma vez, a jovem não fosse coroada.

Seu coração seria novamente golpeado, como já fora em Castela, pelas temíveis razões de Estado que nos levam a vê-los juntos, Pedro e Constança, conhecendo-se na Sé de Lisboa...

Ela, que já passara por grande humilhação na corte de Afonso Onzeno, enfrentaria os mesmos dissabores em Portugal.

Como podemos constatar, assim eram as uniões entre os jovens príncipes da época. O que delas se poderia esperar, quando sua perpetuação dependia mais de fatores políticos, de ambições e conveniências do que propriamente de afeição?

Constança, ao perceber a ligação de Pedro com sua dama de companhia, portou-se dignamente: calou-se diante da realidade que não esperava e buscou, sem êxito, até aproximar-se mais de Inês, ao convidá-la para madrinha do primeiro filho.

Esposa exemplar, sofreu com humildade no silêncio da sabedoria e deu ao príncipe herdeiro três filhos.

Faleceu em novembro de 1355, pouco depois do parto de D. Fernando, que sucederia o pai no início de 1367.

Pedro

D. Pedro I nasceu em Coimbra, a 8 de abril de 1320, também descendente do Conde D. Henrique, francês da família de Borgonha, que semeou reis e nobres ao longo dos séculos pela Europa Ocidental.

Filho de D. Afonso IV e de Beatriz de Castela, era, por falecimento dos irmãos mais velhos, o primogênito homem e, portanto, herdeiro da coroa.

Já aos oito anos, em função dos acertos palacianos, recebeu em casamento uma criança de sete, Branca de Castela, cujo desequilíbrio mental levou à dissolução do compromisso.

Sua estirpe era notável: filho de um grande rei, Afonso IV, o rei guerreiro, e neto de D. Dinis, o Rei-Poeta.

Conviveu Pedro com a avó Isabel de Aragão até os 16 anos, recolhendo à rainha santa ensinamentos e exemplos que muito o ajudaram na triste sina que o acompanhou após o martírio de Inês de Castro, ocorrido por razões políticas, que, uma a uma, o tempo fez desacreditar. Certamente os motivos cármicos, imperscrutáveis, estavam no passado, em existências anteriores.

O calvário por que passou permitiu a Inês, ao longo do tempo, alçar vôos espirituais elevados sob a proteção da rainha santa; todavia, Pedro continuou preso às amarras da Terra ainda pelos séculos vindouros, caminhando espiritualmente mais distante de Inês.

A chegada de D. Constança para as cerimônias de casamento na Sé de Lisboa trouxe oculta toda a tragédia que eclodiu em pouco tempo.

Olhares furtivos entre Pedro e Inês já na catedral, posteriores contatos e a cruel realidade, que não fugiu aos olhos da nobre castelã,

desdobraram-se nos fatos que nem a férrea autoridade de Afonso IV conseguiu deter.

Os esforços da corte para afastar Pedro de Inês foram infrutíferos.

Chegou o rei a degredar Inês no solar dos Albuquerque, na Galiza, apesar das amargas lembranças que o local lhe trazia, porquanto o imponente castelo fora erigido por seu irmão bastardo, Afonso Sanches, que matara devido a desavenças políticas.

Ali ainda residia a viúva de Afonso Sanches — naturalmente hostil a Afonso IV — a tia de Inês de Castro, D. Tereza Albuquerque, que passou a cuidar da jovem durante o exílio.

Os contatos entre Pedro e Inês, contudo, se sucediam a despeito do exílio.

Em novembro de 1345, D. Constança foi liberada de seus sofrimentos morais pelas leis divinas. Faleceu em decorrência do parto de Fernando, que viria a ser o sucessor do pai, na seqüência da dinastia afonsina da qual foi o último rei. A infeliz senhora, que sofrera em Castela o desprezo do rei — esperançosa de reviver a paz e aplacar os ímpetos do coração em Portugal — também aí não foi afortunada, desde o momento em que transpôs a soleira da

Sé de Lisboa, sendo trocada pela dama de companhia.

Pedro e Constança tiveram três filhos, Luiz, que pouco durou, Maria e Fernando.

Com o falecimento da esposa, Pedro vai buscar Inês de Castro no Solar dos Albuquerque à revelia paterna, trazendo-a para o seu convívio direto nas proximidades de Peniche — ali usufruindo o casal os saudosos bons tempos em que nasceram os filhos e que foram os raros momentos felizes de sua vida.

Posteriormente, fixam-se em Coimbra, onde nos encontramos no início deste livro.

Da união de Pedro e Inês, nasceram quatro filhos, sobre os quais teceremos rápidas considerações a seguir.

A morte da mãe, em 1355, quando eram ainda muito crianças e a do pai, em 1367, quando João, o mais velho, mal saía da adolescência, trouxeram pesadas dificuldades para os filhos de Inês e Pedro, sacudidos na infância pela tragédia que lhes destruiu o lar.

João e Dinis tiveram vida muito atribulada, eivada de sofrimentos e incertezas, dando continuidade à triste saga vivida pelos

pais.

Beatriz, somente quando passou a viver em Castela, deixando a querida Quinta dos Canделos, de tão afetuosas recordações, livrou-se das angústias que acompanharam os irmãos até o fim de seus dias.

Falemos um pouco deles:

- Afonso (1349), que morre no mesmo ano.
- João (1350), que Inês, em suas cartas mediúnicas, insiste em chamar João Álvaro. Tornou-se muito popular durante o reinado de Fernando I, credenciando-se como possível sucessor do trono, pois, como sabemos, o monarca faleceu sem herdeiro varão, e a rigorosa interpretação da lei sálica poderia dificultar a ascensão de sua herdeira, Beatriz, que se via em situação desconfortável também pelo fato de ser casada com o rei de Castela.

O prestígio de João não agradava Leonor Teles, que, vendo-o casado com a irmã Maria, passou a considerá-lo com mais reservas. Temia que a própria irmã se tornasse rainha com a morte de Fernando, dificultando-lhe as manobras na Corte.

Leonor, durante o período de regência, teria tramado para que o infante João matasse a esposa, inviabilizando-lhe as pretensões ao trono.

Em função do ocorrido, viu-se constrangido a emigrar para Castela, onde o rei, genro e aliado de Leonor Teles, o prendeu, isolando assim da sucessão portuguesa o candidato com mais títulos de direito.

João faleceu na prisão de Salamanca, aos 36 anos.

No período de transição de dois anos, de 1383 a 1385, entre a morte de D. Fernando e a ascensão do novo rei, as forças nacionalistas portuguesas — em confronto com Leonor Teles e o rei de Castela — apoiaram o outro João, o Mestre de Avis, também filho de D. Pedro, nascido dois anos depois da morte de Inês, sendo sua mãe Tereza Lourenço.

- Dinis (1351), que se viu constrangido a fugir para Castela devido a curiosa ocorrência, que Joaquim Ferreira descreve em seu tratado sobre Portugal e que passamos a relatar:

Os filhos de Inês de Castro freqüentavam a Corte de D. Fernando.

Ao casamento do rei com Leonor seguiu-se a cerimônia do beija-mão da rainha.

O infante D. Dinis, segundo filho de Inês, recusou-se a fazê-lo, dizendo que ela sim deveria beijar-lhe a mão. Fernando, puxando da adaga, avançou sobre Dinis, sendo contido a tempo.

O infante se viu constrangido a refugiar-se em Castela.

A vida de Dinis foi muito atribulada: houve tentativa de retorno mais tarde a Portugal, não sendo bem recebido pelo então soberano, seu irmão, o Mestre de Avis, que o enviou à Inglaterra em missão diplomática, para dele livrar-se.

Detido na Inglaterra, conseguiu a fuga para Castela, onde se casou com Joana, filha bastarda de Henrique II, tendo dois filhos, D. Pedro e D. Beatriz. Faleceu aos 43 anos.

- Beatriz (1354), que inicialmente residiu na Quinta de Canidelos, mas, não se dispondo a participar do beija-mão de Leonor Teles, do mesmo modo que o irmão Dinis, ficou sem ambiente na Corte e migrou para Castela, onde se casou, em 1377, com D. Sancho, o Conde de Albuquerque, irmão do rei Henrique II de Castela.

Ali viveu por muitos anos, deixando numerosa descendência. Sua neta, Leonor de Aragão, foi esposa do rei D. Duarte de Portugal, filho e sucessor do nosso conhecido Mestre de Avis, também filho de D. Pedro, como Beatriz.

O período correspondente à morte de Constança Manoel, ao exílio de Inês de Castro e ao estreitamento de sua convivência com Pedro, de que falamos neste capítulo, é testemunhado pela mensagem de Inês transmitida pelo Chico, que apresentamos a seguir.

São palavras candentes de quem participou daqueles momentos vividos há mais de seiscentos anos:

Amado rei e senhor meu, digna-se Nosso Pai de Infinita Bondade abençoar-vos e engrandecer-vos sempre.

Tão grande é a similitude das situações desta vossa servidora — que, um dia, desejastes arrancar ao anonimato e à bastardia, para compartilhar a vossa real presença —

entre o passado e o presente, que vos peço perdão se recordo a ocasião em que me destacastes em vosso afeto.

Desfrutáveis a liberdade para algo dizer-me de vosso amor, entretanto, de que modo conseguiria expressar-vos a imensa ternura que me inspiráveis, em minha condição de fraca mulher chamada a servir em vossa real moradia?

Sabeis que caí sob o domínio da febre maligna quando me dissestes, pela primeira vez, que eu estava em vossa alma, que me debati entre a vida e a morte, chamando-vos junto de mim... de tudo isso sabeis.

Protegestes a minha convalescença, restituindo-me a saúde, mas, quando voltastes a me falar de vosso amor, no Paço de Lisboa, porque eu chorasse incapaz de responder, afirmastes magoado:

— Já sei. Amais a outro e não a mim.

— Isto nunca aconteceu, respondi entre lágrimas.

— Então, por que a recusa?

— Ante a vossa indagação, esclareci que era minha intenção professar na Ordem de Santa Clara, que, decerto, bastarda como eu

era, não poderia, de minha parte, fazer a felicidade de ninguém.

Fixastes-me com imensa tristeza e acrescentastes:

— Compreendo, Inês... Sei que não me quereis diante da minha dificuldade de expressar-me... Creio que não sei falar quanto vos amo... Em família e na Corte, todos me acreditam calado, impenetrável... Certamente, qual ocorre aos outros, tendes medo de mim...

— Quem vos disse tamanha inverdade? Apenas compreendo a distância que nos separa. Deus sabe quanto vos admiro e respeito...

— Só isso? — acentuastes em tom amargo.

— Inês, eu soffro muito...

Incapaz de sopitar os sentimentos que me turbilhonavam no coração, expliquei francamente:

— Eu vos amo, com todas as forças de minha alma, eu vos amo desvairadamente, senhor! Acaso não vedes que as minhas lágrimas falam mais que as palavras?

— Então, salvai-me deste sofrimento, dissestes.

— E quem me salvará, Senhor? Repliquei no pranto convulsivo em que me desfiz totalmente.

— Eu vos salvarei — respondestes.

Então, no aposento isolado, me tomastes nos braços fortes, como querendo guardar a minha fragilidade na fortaleza de vosso peito leal e magnânimo e me beijastes tão profundamente e tantas vezes, qual se quisesseis marcar-me com o vosso amor para sempre.

Desde esse instante, confirmei a mim mesma que eu nascera propriamente vossa.

Para mim não importavam mais o sofrimento ou a morte. Sentia-me vossa, sem condições. Qualquer argumento do mundo contra semelhante verdade teria a força de minúsculo galho de arvoredo que se propusesse a sustar a correnteza de um grande rio.

Entreguei-vos, soberano, o que eu chamava como sendo minha vida, como já vos pertenciam o meu coração com todos os meus pensamentos.

Isso acontecia em mim, não porque fôsseis o príncipe e futuro rei, porque se esti-

vésseis na estamenha de um carvoeiro, seria vossa propriedade sem qualquer condição.

Sabeis que a intriga palaciana, a injúria dos conselheiros, a perseguição das autoridades do reino e as tramas dos áulicos sem piedade conseguiram deslocar-me de vossos braços e me fizeram marchar para o exílio.

Sabeis quanto me doeu a separação.

Não era a terra florida e acolhedora do vosso País que eu deixava, com o banimento a que me votaram, mas sim deixava a própria vida em vossas mãos. O que foram aqueles tempos de saudade e dor que somente as vossas letras amenizavam, sabe-o Deus.

A morte da Rainha Dona Constança Manoel, que todos lamentamos de coração, logo após o nascimento de vosso filho, o rei Dom Fernando, induziu-nos a renovar as nossas vivências.

As emoções de nossa viagem recente me trouxeram à memória as resoluções que adotastes.

Chegastes ao Solar dos Albuquerque, em que meu exílio se fixara e decidistes trazer-me de qualquer modo.

Não havia como alterar-vos as decisões e, embora soubesse, com os parentes e amigos, que a minha volta ao vosso País desafiaria a autoridade de vosso amado pai, o amor foi mais forte que o receio, e acompanhei-vos sem titubear.

Instalastes-me em vossa companhia no Paço Real da Serra de El-Rei, nas vizinhanças de Peniche, após laboriosa viagem em que tudo fizestes para me evitar as preocupações.

Nesse ninho erguido entre o verde e as flores da região, nasceu-nos o primeiro filho, a quem chamastes Dom Afonso, em 1349, e palavras humanas não descreveriam o júbilo e a esperança de que nos sentíamos tomados, ante aquela vida abençoada que desabrochava das nossas.

Dom Afonso, porém, pareceu-nos uma flor por demais sensível ao clima espiritual dos conflitos que se multiplicavam em derredor de nós e voltou para os Céus, deixando-nos imensa dor.

Perseguidos de novo por intrigas que vos vinham às mãos de vários pontos, estivesse a Corte em Lisboa ou em Évora, em Santarém ou em Coimbra, a vossa real benemerência

conduziu-me em nova viagem, para as cercanias de Bragança, de onde poderíamos, a qualquer momento, retomar o caminho para a Galiza...

Nossa felicidade nunca se alterou. Nosso segundo filho, Dom João Álvaro, veio ao mundo enlaçar-nos ainda mais... E depois os outros dois, D. Dinis e D. Beatriz.

Perdoai-me se vos falo tanto em saudade, mas crede, amado soberano, que sois, hoje como ontem, agora como sempre, a minha própria vida e a minha luz.

Deus vos guarde e abençoe com todos os corações que se fizeram estrelas de nosso amor.

Castelo

DESDOBRAMENTOS DO ENCONTRO NA SÉ DE LISBOA

Notícias de Isabel de Aragão

No capítulo que trata do casamento de Pedro com D. Constança Manoel, colocamos em complemento as palavras de Inês de Castro que nos descreve as sensações difíceis dos primeiros momentos, ao reconhecer que Pedro era sua alma afim, todavia, casado com a amiga e benfeitora.

A seguir, para conhecermos mais profundamente a alma nobre de Inês, apresentamos seu depoimento — seiscentos anos depois — a respeito daqueles difíceis momentos:

Depois da longa enfermidade, que a retivera no leito por diversos dias, Inês havia saído para o campo, pelas portas de Santo Antão, acompanhada de Ana, a mesma companheira que se lhe fizera camarista desde